

O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA ALFABÉTICA: UMA ANÁLISE DA ESCRITA DE DISCENTES DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Francisca Roseneide Gurgel Campêlo Graduanda de Pedagogia CAMEAM/UERN

Francisca Rozângela Gurgel Campêlo Graduanda de pedagogia CAMEM/UERN

Maria Neyanne Rêgo Batalha Graduanda de Pedagogia CAMEAM/UERN

Iasnaia Kadidja Torres Ferro Graduanda de Pedagogia CAMEAM/UERN

Kaiza Maria Alencar de Oliveira Prof^ª do DE/CAMEAM/UERN

RESUMO: Objetivamos com o presente artigo identificar as fases de escrita nas atividades de crianças da turma do 2º ano do ensino fundamental, verificando como elas se apropriam do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e se existe ou não práticas exitosas de alfabetização, com enfoque específico na escrita, refletindo acerca das metodologias adotadas pela docente em sala de aula para uma alfabetização voltada para o aprender a escrever. Para guiar nossas discussões partimos dos pressupostos teóricos de Ferreiro e Teberosky (2001), Cagliari (2008), Soares (1998), Morais e Leite (2012), entre outros. Assim, analisamos as escritas de crianças em uma turma do 2º ensino fundamental de uma escola pública do município Rodolfo Fernandes - RN, localizada na região do Alto Oeste Potiguar, identificamos a fase de escrita alfabética em que cada criança se encontra e como resultados percebemos práticas exitosas de alfabetização na escola investigada. Do que se conclui que a docente demonstrou ter conhecimentos do (SEA) e da importância do mesmo para práticas de alfabetização exitosas, uma vez que as escritas analisadas demonstram que as crianças apresentam domínio dos componentes alfabéticos, no qual a prática de leitura e escrita é indispensável para a incorporação dos conhecimentos acerca da língua escrita.

Palavras – chave: Sistema de Escrita Alfabético (SEA). Fases de desenvolvimento da escrita. Atividades espontâneas.

1 INICIANDO O DIÁLOGO

Este trabalho é resultado de estudos desenvolvidos na disciplina Práticas Pedagógicas Programadas II, atividade prática que visa promover a mobilização de saberes da profissão, desta vez com o tema “Práticas exitosas de formação docente”. Nesse sentido, buscamos as experiências de alfabetização, mas especificamente no que diz respeito à escrita, visualizando os níveis de aquisição no qual os discentes da turma do 2º Ano do Ensino Fundamental se encontram.

Para tanto utilizamos como aportes teóricos os trabalhos de Ferreiro e Teberosky (2001). Cagliari (2008), Soares (2012); Morais e Leite (2012), os quais fazem reflexões importantes sobre a aquisição da escrita, reflexões essas que contribuíram para melhor

compreensão do desenvolvimento do Sistema de Escrita Alfabética - SEA nas crianças na fase de alfabetização.

A pesquisa foi realizada em uma escola do município de Rodolfo Fernandes, na turma do segundo ano, no intuito de analisar em qual fase de escrita alfabético cada criança se encontra, com base nos pressupostos dos autores estudados. A metodologia utilizada inicialmente foi realizar uma pesquisa bibliográfica para nos situarmos nas discussões sobre alfabetização, realizamos uma pesquisa de campo em que foi realizada uma observação em sala de aula das práticas de alfabetização aplicadas pela professora da turma investigada e o recolhimento dos dados para uma posterior análise.

Realizamos uma pesquisa de campo, em que observamos as aulas de produção de escrita na turma do 2º Ano do Ensino Fundamental, solicitamos da professora o recolhimento das atividades escritas pelos alunos para a análise dos níveis de escrita.

A pesquisa é de caráter qualitativo, uma vez que segundo Oliveira (2008) pesquisa qualitativa objetiva estudar de forma reflexiva e avaliar minuciosamente o objeto de estudo, através de métodos e técnicas que nos leva a uma melhor percepção do objeto investigado. Nesse sentido optamos por observar as aulas em uma escola pública, no intuito de identificar se existe ou não práticas exitosas de alfabetização, com enfoque específico na escrita e refletir acerca da metodologia adotada pela docente em sala de aula para uma alfabetização voltada para apropriação do Sistema de Escrita Alfabética e práticas de letramento.

Sob esse viés esse trabalho discorrerá sob os tópicos que seguem, os quais tratam da fundamentação teórica sobre alfabetização, análise dos dados a luz do referencial teórico adotado e breve conclusão trazendo algumas breves reflexões sobre as práticas de alfabetização nessa região.

2 ALFABETIZAÇÃO: UM ENFOQUE NA ESCRITA

Para uma melhor compreensão do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), utilizando métodos que melhor se aproximem de uma prática exitosa de alfabetização com enfoque na escrita, percebendo o percurso evolutivo neste processo de apropriação, tomaremos como base as ideias de autores que tratam desse tema de maneira clara e objetiva.

Segundo Soares (1998) deve-se alfabetizar as crianças letrando, uma vez não se deve ensinar apenas a ler e escrever, mas sim, incentivar a leitura e produções de textos espontâneos. Através desse método é possível constatar um melhor desenvolvimento cognitivo por parte da criança.

Ferreiro e Teberosky (2001) afirmam que as crianças entram em contato com a escrita antes mesmo de entrar na escola, isto é, elas estão rodeadas por um mundo onde existem vários tipos de escrita, por exemplo, revistas, jornais e até a TV, esses meios fazem parte do ambiente sociocultural, assim a escrita é objeto cultural.

As autoras defendem que, o processo de desenvolvimento da escrita é gradativo, ou seja, a criança vai descobrindo as particularidades do sistema simbólico através de um prolongado processo construtivo. Assim, para que se haja uma prática exitosa na alfabetização das crianças é relevante que saibamos as fases de desenvolvimento de cada criança. Nessa perspectiva as autoras, Ferreiro e Teberosky (2001) afirmam que em fases de desenvolvimento algumas crianças desconhecem certos pressupostos do sistema de escrita, que são eles: não saber por exemplo que os artigos “a” e “o” também se podem ler, para essas crianças só se pode ler determinada palavra se a mesma conter no mínimo três letras; outro aspecto importante é que algumas delas acreditam que não se pode ler livros que apresentem somente palavras ou gravuras, nesse caso elas acreditam que a leitura só se dar através de palavras e imagens.

Ainda nessa perspectiva as autoras afirmam que as crianças passam por quatro períodos, nos quais formam várias suposições de como a escrita alfabética funciona. O primeiro é o *Pré-silábico*, nesse período a criança ainda não faz a distinção entre desenho e escrita, ou seja, ao desenhar bolinhas e rabiscos ela pensa estar escrevendo, é também nessa fase que encontramos o chamado realismo nominal, no qual as crianças pensam que coisas grandes se escrevam com mais letras e coisas pequenas como menos, outra suposição criadas pelas crianças dessa fase é que para elas não se pode escrever uma palavra com letras repetidas, elas teriam que escrever com letras diferentes para poder formar palavras.

O segundo período é chamado de *Silábico*, nessa fase as crianças já compreendem que as letras colocadas no papel têm a ver com o som da palavra pronunciada, no entanto pensam que as letras somente substituem o som das sílabas pronunciadas, isto é, para cada sílaba falada ela imagina que seja correspondente a uma letra. Um fato interessante nesse período é que algumas crianças usam letras que não correspondem ao som da sílaba, já em outros casos já conhecem o som apropriado de cada letra, um exemplo disso é a palavra boneca escrita com as letras “BNK”.

O terceiro período diz respeito à transição do período silábico para o período alfabético, sendo denominado de *Silábico-alfabético*, isto é, a criança ora escreve duas ou mais letras para cada sílaba, ora escreve uma letra que substitui o som de cada sílaba

pronunciada. A criança vivencia nesta fase um momento de transição. Um exemplo disso é a palavra cavalo escrita “KVALU” nessa fase.

E por último temos o período *Alfabético*, no qual as crianças escrevem letras para cada som pronunciado nas sílabas, no entanto isso não significa dizer que elas estão totalmente alfabetizadas, vez que, ainda não dominam totalmente as normas da ortografia. Este processo de compreensão do Sistema de Escrita Alfabético é gradativo e não pode saltar fases, além disso, tem-se que dominar a relação som-grafia. E é função do professor oportunizar atividades que promovam o desenvolvimento da escrita das crianças, para isso é necessário que elas sejam estimuladas a pensar sobre as palavras, a refletir sobre as relações e particularidades entre a escrita e a fala.

Sob esse viés, torna-se relevante que os professores conheçam os quatro períodos citados acima e identifiquem as fases que seus educandos se encontram para melhor planejar suas atividades, uma vez que segundo Morais e Leite (2012):

Precisamos ter consciência de que uma criança pré-silábica não pode se tornar alfabética porque lhe damos “uma aulinha”, explicando que as letras notam os fonemas ou os sonzinhos das palavras. [...]. Para isso, ela precisa ser desafiada, ser convidada a refletir sobre as palavras, observando, no interior das mesmas, as partes orais e escritas. (MORAIS e LEITE, 2012, p. 17).

De acordo com a concepção dos autores, percebe-se que é fundamental que os docentes conheçam essas fases, para que no ato de alfabetizar utilizem de recursos adequados para cada fase de desenvolvimento da criança, tratando o “erro” como hipótese, evitando cometer equívocos, como por exemplo de alfabetizar uma criança na fase pré-silábica com métodos do período alfabético. Morais e Leite (2012) criticam os professores que não conhecendo esse método e optam por alfabetizar o educando de forma rápida, sem levá-los a refletirem e conhecerem o universo da escrita.

As autoras Teberosky e Ferreiro (2001) afirmam que na alfabetização se deve levar em conta o meio sociocultural em que estão inseridas as crianças, uma vez que as de classes sociais altas aprendem com mais facilidade em comparação com as de classes marginalizadas, pelo fato das crianças de classes mais elevadas terem mais acesso aos diferentes gêneros textuais. Desse modo os professores devem criar condições para que as crianças desenvolvam sua escrita por si mesma, tendo seu meio familiar e cultural como um dos fatores determinantes que devem ser considerados.

Outro fator importante abordado por Teberosky e Ferreiro (2001) é o fato de o alfabeto ser um sistema notacional e não um código. Para ser um código seriam somente símbolos que iriam substituir determinados sons, já o Alfabeto enquanto sistema organizado tem suas particularidades, não são somente letras que substituem um fonema de uma palavra, se utiliza também da capacidade cognitiva do aluno, de maneira que as capacidades motoras não são relevantes. Um exemplo de um antigo método equivocadamente de aprender a escrever era simplesmente treinar as crianças a repetir e decorar ou somente copiar, sem levar em conta o funcionamento das letras. A única forma de trabalhar a parte mental da criança era meramente a memorização.

Para Morais e Leite (2012), é necessário reinventar métodos de alfabetização que possam garantir um ensino organizado que através de atividades reflexivas possam levar as crianças a compreenderem como realmente funciona o SEA. Dessa maneira estariam ao mesmo tempo desenvolvendo as capacidades cognitivas das crianças, e conseqüentemente realizando uma prática exitosa de alfabetização.

Cagliari (2008), assim como Ferreiro e Teberosky (2001) mostra a relevância da alfabetização, que tem como um dos fatores principais ensinar a criança a escrever, e compreendendo a complexidade da escrita, o mesmo mostra ser necessário um método de ensino que permita a autonomia dos alunos para produzirem seus textos, mesmo escrevendo da forma que fala.

Sendo assim Cagliari (2008) afirma:

Deixar que os alunos escrevam redações espontâneas não dando muito atenção aos erros ortográficos e apostando na capacidade das crianças de escrever e se auto corrigir com relação à ortografia é de fato um estímulo e um desafio que o aluno sente no seu trabalho, uma motivação verdadeira para a escrita. Essa é a melhor forma de valorizar as atividades dos alunos. (CAGLIARI, 2008, p. 124).

Concordamos prontamente com o autor que é preciso valorizar os conhecimentos prévios dos discentes, deixando que os mesmos produzam de forma espontânea para que só então o professor leve-os a refletirem sobre a sua escrita, a sua natureza e as várias formas de representações gráficas. Pois de início o controle excessivo, no que diz respeito à ortografia da criança bloqueia a capacidade de produzir, que deve ser trabalhada no período certo, ou seja, mais adiante.

Cagliari (2008) frisa a importância do professor está acompanhando o aprendizado das crianças, que ao ingressar na escola ainda não sabe que se escreve com determinados signos,

muitos já conhecem as letras, mais não sabem o uso convencional para o emprego das mesmas. Dessa forma o professor deve indagar os alunos sobre suas escritas, uma vez que só eles conhecem o verdadeiro significado das suas produções, mesmo sendo apenas rabiscos, é preciso questioná-los para acompanhar o nível de desenvolvimento dos educandos.

PRÁTICA EXITOSA DE ALFABETIZAÇÃO: ANALISANDO AS ESCRITAS DE ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

3.1 Aspectos Metodológicos

Antes de irmos a campo, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico para nos situarmos melhor nas discussões sobre alfabetização, logo após realizamos uma pesquisa de campo e de caráter qualitativo. Vez que segundo Oliveira (2008) pesquisa qualitativa objetiva estudar de forma reflexiva e avaliar minuciosamente o objeto de estudo, através de métodos e técnicas que nos leva a uma melhor percepção do objeto investigado. Nesta perspectiva nosso objetivo com a determinada pesquisa foi analisar as escritas de crianças em fase de alfabetização em turmas de 2º ano do Ensino Fundamental, bem como observar as práticas de alfabetização da professora. A escola a qual nos direcionamos para a investigação é do município de Rodolfo Fernandes-RN, com o intuito de analisar se existe ou não uma prática de alfabetização exitosa, mas especificamente com enfoque na escrita, mediada pela professora.

Para execução dessa pesquisa, foram coletadas e analisadas as escritas das crianças do 2º Ano, a principio nos dirigimos à escola e iniciamos o processo investigativo apresentando a proposta de pesquisa para as gestoras da devida escola e pedimos o consentimento para realizar a pesquisa. Após obtermos a autorização, nos direcionamos para a turma do 2º ano, para dialogar com a docente e explicar do que se tratava a pesquisa, sugerimos que realizasse uma atividade que estimulasse a produção de escrita espontânea pelas das crianças, as quais iriam compor o nosso Banco Dados.

Para preservar a identidade dos sujeitos, denominamos a escola de “Mundo da Criança”, localizada no município de Rodolfo Fernandes/RN. A turma é composta por vinte alunos, na qual foram coletadas todas as produções. Durante a atividade estivemos presente, percebendo o seu desenvolvimento. Após o termino das atividades, coletamos os dados para análise, tabulamos e organizamos os dados, a luz do referencial teórico, classificando-os nos níveis de desenvolvimento alfabético que se encontram cada criança investigada.

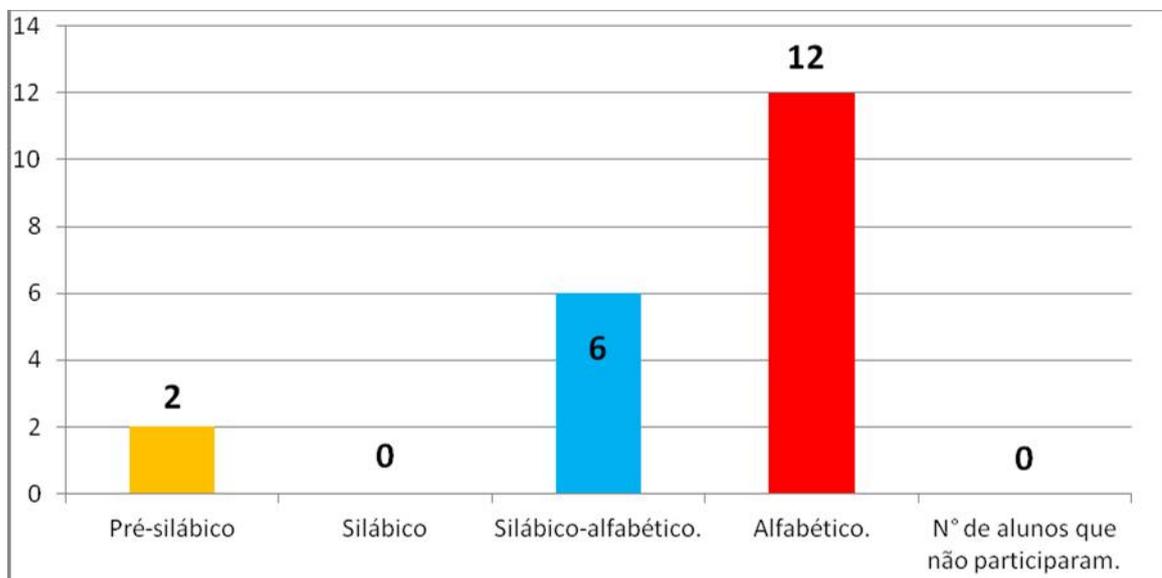
3.2 Analisando as etapas de escritas de alunos do 2º Ano do Ensino Fundamental

Passaremos agora a discutir embasados no referencial teórico já mencionado, as estatísticas dos resultados das análises realizadas na escola através de um gráfico e exemplos, mostrando os níveis de desenvolvimento alfabético das crianças, a qual é percebível algumas distinções nas atividades, conforme passaremos a detalhar melhor abaixo.

Escola “Mundo da Criança”

No primeiro momento propomos a professora que realizasse uma atividade de produção textual e que o tema estaria ao seu critério, à mesma optou por trabalhar com os alunos a obra “O Sonho da princesa” de Katia Canto, a partir do texto a professora realizou um ditado com as seguintes palavras: Perdão, Rei, Princesa e Sonho.

Assim, observamos em *lócus* o funcionamento da escrita alfabética nessa turma, conforme gráfico abaixo:



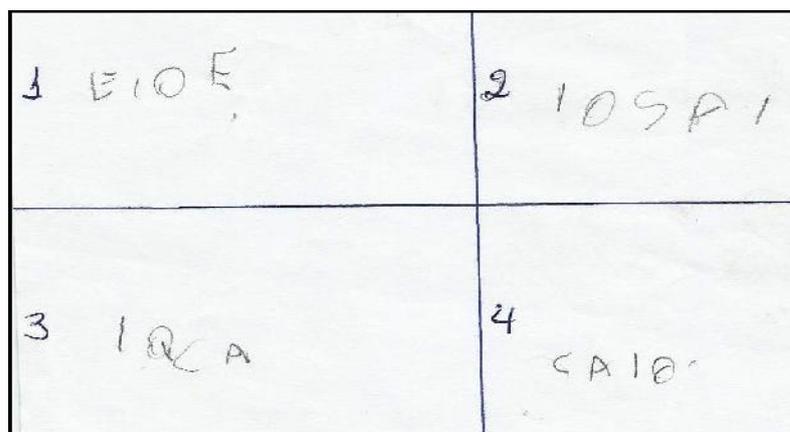
Dados coletados na Escola A

Conforme o gráfico, percebemos que na turma da *Escola* existem crianças que se enquadram em três fases de desenvolvimento, sendo que o menor número se encontra no período *Pré-silábico*. Não foi detectada nenhuma criança na fase *Silábica*, e a maior

quantidade encontra-se no período *Alfabético*, o que nos leva a perceber que a turma está em um bom nível de desenvolvimento.

Esses dados contabilizados em números apontam duas crianças na fase *Pré-silábica*, conforme podemos visualizar no exemplo 1.

Exemplo 1



De acordo com Teberosky e Ferreiro (2012 p. 12) as crianças que se encontram na fase *Pré-Silábica* “[...], passa a usar letras, mais sem estabelecer relação entre elas e as partes orais da palavra que quer escrever”. É notório que a criança do exemplo 1, ainda não associa o som a grafia, pois utiliza as letras aleatoriamente e não consegue agrupá-las de forma correta.

No período *Silábico-Alfabético* encontramos seis crianças, conforme afirma Teberosky e Ferreiro (2012), as crianças inseridas nessa fase estão em transição, isto é, ora escreve uma letra para cada sílaba, ora duas ou mais letras para representar uma sílaba. Como é possível notar na escrita de um dos alunos pesquisados no exemplo a seguir.

Exemplo 2:

1 pi	2 ca
3 pi	4 so no ho

Podemos perceber no exemplo acima que a criança atribui ora a uma letra para cada sílaba, como por exemplo, a palavra princesa (pi-c-a), ora duas letras ou mais para cada sílaba, como na palavra sonho (so-noho).

Através das análises dos dados percebemos um número considerável de alunos em nível de alfabetização elevado, ou seja, no período *Alfabético*, nesse período as crianças já conseguem assimilar que as letras têm uma relação intrínseca com o som, porém por vezes a criança ainda comete alguns erros ortográficos.

Exemplo 3

1 pi	2 ca
3 pi	4 so no ho

Conforme o exemplo, percebemos que a criança já possui domínio sobre a escrita, isso é, já consegue escrever as letras para cada som de uma sílaba. Entretanto algumas crianças ainda escrevem com erros ortográficos o que é normal que isso aconteça, pois, somente através de um longo processo de experiências a criança poderá dominar corretamente o sistema alfabético.

Após coletarmos e analisarmos os dados da referida escola, percebemos que alguns alunos ainda se encontram na fase *Pré-Silábica*, entretanto, a maioria estão entre as fases *Silábico-Alfabético* e *Alfabético*. Diante a análise e observação foi possível perceber que a professora tem uma prática exitosa, pois existe um maior numero de alunos na fase *Alfabética* e as atividades postas em práticas pela docente são reflexivas, isto é, a profissional antes de pedir para os alunos descreverem as palavrinhas presente na história lida, estimula-os a refletirem sobre a história mediada e depois sobre suas escritas.

Dessa forma através da investigação podemos perceber que a turma investigada está em um nível de desenvolvimento satisfatório. Assim diante ao aporte teórico e análise dos dados percebemos que os alunos passam por um processo gradativo até compreender a natureza do sistema alfabético de escrita, e é preciso destacar que cada nível é caracterizado por conceitos específicos e que nenhuma pode ser ultrapassada.

Algumas considerações sobre o diálogo

De acordo com o referencial teórico estudado e análises das escritas das crianças, podemos compreender que uma prática exitosa envolve uma ampla e complexa relação entre o conhecimento dos docentes (formação) e suas práticas em sala de aula.

No que compete ao professor é perceptível que este precisa conhecer em que nível de desenvolvimento está os seus alunos e o que cada um sabe sobre o sistema da escrita, e para isso é necessário deixá-los produzir de forma espontânea. Esse método levará os professores a identificar em que nível estão os seus alunos e avaliar melhor os avanços na aquisição da escrita e conseqüentemente da aprendizagem da criança, este é um passo significativo para os professores no processo de alfabetização dos discentes.

Através das análises das escritas percebemos práticas exitosas de alfabetização na região estudada, pois a docente demonstrou ter conhecimentos das práticas de alfabetização. Vez que a profissional mostrou domínio dos componentes alfabéticos, fato este indispensável para a incorporação dos conhecimentos em sala de aula e no processo de construção da escrita dos alunos.

Assim o nosso objetivo no presente artigo foi alcançado, vez que identificamos as fases de escritas nas atividades da turma do 2º ano do ensino fundamental e foi possível perceber como elas se apropriam do Sistema de Escrita Alfabética. E diante a nossa investigação percebemos a relevância do papel do professor no processo de aquisição da escrita da criança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo na alfabetização – concepções e princípios**. Brasília: MEC/SEB, 2012. (Ano 1, unidade.)

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua escrita**. Portalegre: artes médicas, 1986.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução: Horácio Gonzales. (et. at) 24. ed. atualizada- SP: Cortez, 2001.

MORAIS, Artur G. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: melhoramentos, 2012.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Pesquisa qualitativa. In:_____. **Como fazer pesquisa qualitativa** 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: autêntica, 1998.